

# **O CEMITÉRIO COMO ESPAÇO DEVOCIONAL: um estudo sobre a devoção a Irmã Benigna**

Ilza Mara Lima  
Marcelina das Graças de Almeida

## **Introdução**

O tema da morte é provocador de inúmeras discussões que envolvem aspectos diversos, múltiplos naquilo que se refere ao ser humano. Um dos temas está ligado ao culto aos mortos e conseqüentemente aos cemitérios e as maneiras como são utilizados estes espaços.

Em Minas Gerais os enterramentos continuaram sendo feitos nas igrejas até final do século XIX. A religiosidade era um fator muito presente na cultura mineira, que após muita resistência, aceita a transferência de seus mortos para um local distante das igrejas. De acordo com Adalgisa Arantes citado por Almeida (Almeida,2007, p.123-124):

[...] na Capitania das Minas Gerais a construção dos cemitérios situados fora do âmbito religioso foi adiada o mais possível, sendo este adiamento a situação vivida no Arraial do Belo Horizonte no final do século XIX ,quando aqui se instalou a Comissão Construtora imbuída do objetivo de construir a capital mineira.<sup>i</sup>

A capital mineira era Ouro Preto, mas sua arquitetura colonial não representava os novos anseios de liberdade republicana e modernização, advindos da política republicana instaurada no país.

Somados a estes aspectos acrescenta-se o fato da capital já ter nascido laica, bem como o cemitério como consta nas Constituições da República do Brasil e do Estado de Minas Gerais (Almeida,2007a),

Os cemitérios terão caracter secular e serão administrados pela autoridade municipal, ficando livre a todos os cultos religiosos a pratica dos respectivos ritos em relação aos seus crentes, desde que não offendam a moral publica e as leis. <sup>ii</sup>

A capital se transfere então, para o chamado Arraial do Belo Horizonte, situado aos pés da serra do Curral, para a construção da nova cidade. Em 1901, a cidade adquire o nome definitivo de Belo Horizonte. Neste arraial havia uma igreja chamada Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem, em torno dela se constituiu o arraial.

De acordo com Almeida (Almeida, 2007b): “[...] era o templo o local onde as pessoas se reuniam não apenas com objetivos religiosos, mas questões relativas à política, sociedade e economia eram ali tratados”.<sup>iii</sup>

No caso mineiro, dentro da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem que não comportava mais tantos corpos. Segundo o relato do engenheiro chefe da Comissão Construtora da nova Capital Francisco Bicalho,<sup>iv</sup>: “[...] o número de corpos ai enterrados era tal que, ao abrir-se qualquer sepultura, encontravam-se os restos deles ainda mal decompostos, o que importava em serio perigo para a salubridade pública”.<sup>v</sup>

As providências logo foram tomadas, pois eram inadmissíveis que tal situação ocorresse na nova capital que estava por vir. Os enterramentos foram proibidos na Matriz, fazendo com que a comissão construtora da capital providenciasse um cemitério provisório, conforme é narrado na obra<sup>vi</sup> do memorialista Abílio Barreto:

O Dr. Aarão Reis<sup>vii</sup>, de acordo com o padre Martins dias, mandou fechar e nivelar uma pequena rua de 40m de frente e outros tantos de fundo, no local em que hoje os fundos do orfanato santo Antônio, entre ruas são Paulo. Tamoios, Rio de Janeiro e Tupis. Para servir provisoriamente de cemitério, ate que, planejada a nova cidade, se providenciasse o estabelecimento do definitivo.

O pároco local concordou com o fim dos sepultamentos na Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem, mas sua atitude não era de concordância com os demais párocos da Igreja Católica. Segundo Abílio Barreto (Barreto, 1995, p.115), Aarão Reis afirma que o novo espaço para os enterramentos ficava localizado “no local que hoje os fundos do Orfanato Santo Antônio, entre as ruas São Paulo, Tamoios, Rio de Janeiro e Tupis, para servir de provisoriamente de cemitério, até que, planejada a nova cidade, se providenciasse o estabelecimento definitivo”.<sup>viii</sup>

A construção do cemitério municipal deveria ser feita fora do perímetro urbano. Os pressupostos higienistas permeavam a mente dos membros da comissão construtora da nova capital. O local escolhido foi um bairro de denominação Lagoinha, localizado nas proximidades do Rio Arrudas, ganhou este nome porque em época de chuva o rio transbordava e inundava todo o local, a Lagoinha era utilizada como passagem de tropeiros ligando os municípios de Venda Nova e Santa Luzia à nova capital. O terreno era arenoso, ficava no alto ao lado de uma grande pedreira, com muita ventilação.

O espaço ocupado pelos mortos foi traçado, reproduzindo o traçado geométrico da cidade dos vivos, no caso o da nova capital mineira. Segundo Almeida (Almeida, 2007c) o

mesmo: “[...] é composto por cinquenta e quatro quadras divididas entre duas alamedas principais e diversas ruas secundárias”.<sup>ix</sup>

O cemitério municipal foi inaugurado em 1897, os corpos sepultados no cemitério provisório não foram trasladados para o novo local como pode ser lido no relato de Francisco Bicalho (Barreto,1995a): [...] quanto ao provisório, embora abandonado vai ser cercado com muros de tijolos, pois a sua supressão e remoção de ossos não pode ter lugar senão daqui a cinco anos, tempo mínimo calculado para a completa decomposição dos corpos.<sup>x</sup>

Em meados das décadas de 30 e início dos anos 40 do século passado, o cemitério municipal tem seu nome modificado para Cemitério do Bonfim, Abílio Barreto<sup>xi</sup> atribuiu ao povo da capital a escolha do nome para o novo cemitério da cidade.<sup>xii</sup>

Apesar de o cemitério ser um espaço laico, o nome Nosso Senhor do Bonfim reflete a permanência de sentimentos religiosos impregnados na cultura católica mineira. Os sepultamentos não tinham mais o caráter religioso, nem a dramatização de outrora, eram realizados com os cuidados sanitaristas, o cortejo seguia com o caixão fechado em caso de morte por pestes, o defunto era posto em caixão lacrado e seu sepultamento feito em 24 horas, crianças de até doze anos eram proibidas de acompanhar o funeral mesmo que fosse de um familiar próximo.

Conclui-se que as modificações dos sepultamentos eram reflexos de uma sociedade, onde os vivos tinham pressa em esquecer seus mortos. Dentro deste contexto, observa-se que nos espaços destinados aos mortos a distinção social vivenciada no grande centro urbano mineiro se transpõe ao cemitério, pessoas com maior ascendência financeira construía túmulos em granito, bronze e muitas vezes erguiam capelas sobre as sepulturas, aos menos abastados restava uma sepultura simples muitas vezes feita somente de cimento, sem ornamentação.

O cemitério não guardava apenas os mortos ele passou a ser também uma representação da vida social, dentro da sociedade através de seus túmulos. Há no espaço cemiterial múltiplas manifestações devocionais, cabe aqui destacar as devoções marginais. No caso do cemitério do Bonfim podemos citar os cultos: a menina Marlene, ao Padre Eustáquio e a Irmã Benigna. As devoções marginais são manifestações de fé que acontecem sem a estrutura eclesial, ou seja, esta devoção, não necessita da aprovação da igreja para existir.

São atribuídos milagres aos corpos de pessoas comuns, que não tem a santificação da igreja. De acordo com José Carlos Pereira (Pereira, 2005,p.31) : “[...] marginal é aquele tipo de devoção que não necessita da estrutura eclesial para existir [...] existe às margens das devoções oficiais. Devoção marginal é geralmente praticada por pessoas da classe baixa, também marginalizadas de alguma maneira.”<sup>xiii</sup>

A menina Marlene Maria dos Santos morreu aos 13 anos de idade e está enterrada na quadra 36, carneiro 26. Ao lado do seu túmulo há uma velário, onde os fiéis acendem velas e deixam seus pedidos de intercessão.

Padre Eustáquio (1890-1943) faleceu no Sanatório Minas Gerais, atual hospital Alberto Cavalcanti. Tornou-se símbolo da fé religiosa, ao longo de sua atuação, promovendo curas e distribuindo bênçãos pelos vários lugares por onde passou. Após sua morte, foi atribuída a ele a graça da cura de um câncer em um de seus devotos, entre outros milagres.

Finalmente destaca-se o culto a Irmã benigna (1907-1981) sepultada no túmulo 26 quadra 36, seu túmulo é venerado por fies que lhe atribuem diversos milagres. Sobre este devoção popular será apresentada uma análise mais profunda para uma melhor compreensão da relação estabelecida entre ela e seus devotos.

### **3. Irmã Benigna**

Irmã Benigna nasceu no município mineiro de Diamantina com o nome de Maria da Conceição Santo, no dia 16 de agosto de 1907. Desde cedo manifestava seu interesse pela vida religiosa, quando adolescente ministrava aulas de catecismo em Diamantina. Aos 28 anos por intermédio de um sacerdote amigo da família, ela escolheu a Congregação das Irmãs Auxiliares de Nossa Senhora da Piedade para continuar sua vocação religiosa.

Esta congregação está situada aos pés da Serra do Espinhaço entre os municípios mineiros de Caeté e Sabará. A Serra foi descoberta por um Fidalgo Português chamado Antônio Silva Bracarema, oficial de cantaria, no século XVIII que, após ouvir uma lenda de uma menina, muda de nascença, que ao avistar no alto da Serra da Piedade, a figura da Virgem com Jesus em seus braços, começou a falar, o fidalgo então ergueu uma capela em homenagem a Virgem.

Durante o século XIX, devido a sua importância, a Serra da Piedade recebeu a visita de vários viajantes entre eles, o viajante Francês, Auguste de Saint Hilaré (Hilare, 1974, p.66) em 1818 que declarou:

[...] no alto da serra da piedade foi construído uma capela muito grande contra qual apoiaram a direita e a esquerda, edifícios onde residem os eremitas da montanha e os peregrinos que a devoção leva a esse lugar. Todas essas construções são de pedra e datam de 40 anos atrás. em frente á capela veem-se rochedo, no meio dos quais pertencem uma fazenda algumas terras situadas ao pé da montanha [...].<sup>xiv</sup>

Em 1875, após assumir a Paróquia de Caeté, Padre Domingos Evangelista Pinheiro fundou a Irmandade Leiga de Nossa Senhora da Piedade, visando proteger e gerenciar o santuário, além de construir um asilo de órfãs. Segundo Maria José Rosado Nunes (Nunes, 2007, p.491):

No espírito das normas emanadas pelo Concílio de Trento [...] Era preciso retirar das irmandades, comandadas por leigos, seu peso político e religioso. a necessidade de um público dócil às novas normas torna as milhares um alvo privilegiado da ação da igreja [...] Criam-se as associações femininas de Piedade; desenvolvem-se movimentos religiosos nos quais o concurso de mulheres é fundamental.<sup>xv</sup>

Irma Benigna fez então seus votos religiosos na congregação em 1936 e passou então a adotar o nome Irma Benigna Victima de Jesus. No ano de 1941 faz seus votos perpétuos e é designada a prestar serviços na Santa Casa de Misericórdia, em Itaúna, Minas Gerais. Lá ela se diplomou em enfermagem e fundou uma maternidade para acolher as parturientes carentes, várias crianças nasceram em suas mãos, devido a falta de médicos em horário de serviço.

De acordo com Nunes (Nunes, 2007a): “[...] diferentemente das freiras enclausuradas do período colonial, elas têm em seu projeto alguma forma de atuação social; sua imagem é a da “irmã de caridade”, boa, solicita atuante e dedicada aos necessitados”.<sup>xvi</sup>

No ano de 1948, Irmã Benigna voltou para a Congregação das Irmãs Auxiliares de Nossa Senhora da Piedade, com uma forte acusação de gravidez e comunismo. Segundo relatos de sua amiga, Dona Maria do Carmo (Carmo, 2010, p.9) Irma Benigna sofria de várias doenças, a ponto de ostentar uma barriga tão grande, que levou outras freiras a duvidarem de sua castidade, porém era uma doença conhecida como Barriga de Avental.

Segundo amiga de Irmã Benigna, Maria do Carmo Mariano (Carmo, 2010a), “[...] foi recomendada uma cirurgia, que seria de alto risco por ela ser muito doente e cardíaca, para retirada da gordura da barriga que era muito grande com isto a coluna estava deslizando e levando-a ao risco de não poder mais andar”.<sup>xvii</sup>

Afastada de todos e colocada em um chiqueiro, por conta de sua falta de castidade, Irmã Benigna ficou sujeita as intempéries do clima na serra, onde as temperaturas oscilavam bastante, chegando até a negatividade. “Os trabalhos mais penosos eram dados a Irmã como forma de castigo, por seu suposto ‘pecado’”. Nesta época suas doenças se agravam e contrai outras como; diabetes, reumatismo e problemas na coluna, coração e rins.

Novamente foi transferida para a cidade de Lambari, Minas Gerais, permanecendo cinco anos por lá. Depois foi para Lavras, Sabará e constantemente vinha a capital Belo Horizonte, onde se hospedava no Colégio Nossa Senhora da Piedade.

É importante ressaltar que, durante a permanência de Irmã Benigna nas cidades por onde missionou, ela construiu várias obras em benefício da população mais carente. Após sua saída das cidades, a congregação mandava derrubar todas as benfeitorias realizadas por ela, como forma de apagar a imagem de Irmã Benigna, já que esta causava repúdio da congregação, por ser de pele escura e gorda, tinha vários pelos no rosto e constantemente passava navalha, para se livrar deles, o que lhe dava uma aparência incomum, além de possuir somente o ensino primário.

Além disso, era procurada por várias pessoas, entre pobres e membros da alta sociedade, suscitando a inveja das freiras diplomadas e pouco solícitas. Tirando assim o sossego da congregação, com sua indisciplina, pois muitas vezes deixava os horários de reza para atender às pessoas necessitadas.

Percebe-se que, no caso de Irmã Benigna, seus fiéis já lhe atribuem milagres feitos em vida, pois entre eles era conhecida com Santa da Fatura, por suas obras em hospitais, asilos e orfanatos onde saciava a fome de todos os carentes e necessitados. Sua morte aconteceu por problemas cardíacos em 1981, aos 74 anos na capital mineira de Belo Horizonte.

Segundo Maria do Carmo (Carmo, 2010b), ao ser sepultada, vários fiéis lhe depositaram bilhetes com vários pedidos, para que ela de alguma forma intercedesse por eles junto ao Nosso Senhor Jesus. Segundo a mesma (Carmo, 2010c): “[...] o velório foi no Colégio Nossa Senhora da Piedade. Aos poucos os amigos foram chegando tristes e chorando a perda de Irmã Benigna. Chegavam, rezavam e colocavam flores e bilhetinhos com os seus pedidos no caixão”.<sup>xviii</sup>

Este gesto dos fiéis continuou a ser repetido em seu túmulo no Cemitério do Bonfim, onde foi até aberta uma fresta para que os pedidos sejam depositados. Este comportamento se caracteriza como uma Devoção Marginal, que segundo Pereira (Pereira, 2005a) “existem e subsistem às margens da Igreja oficial, muitas vezes, sem o conhecimento ou reconhecimento da mesma, mas que são praticadas por fiéis que, nas pesquisas censitárias, se denominam católico.

Para os fiéis, a visita ao túmulo de Irmã Benigna é uma forma de celebrar todos os milagres realizados por ela em vida, dando continuidade à devoção após a morte. Ela é invocada para encontrar objetos perdidos, curar doenças incuráveis, resgatar famílias destroçadas, solucionar litígios, união de casais, encontrar um emprego para tantos desesperados e buscar solução para tantas crises. Os pedidos continuam a ser atendidos, a julgar pela quantidade de ex-votos e flores que cobrem o túmulo de Irmã Benigna, ao ponto de as inscrições com seu nome, data de nascimento e falecimento ficarem cobertos pelos ex-votos.

Os ex-votos, segundo Scarano, citada por Lourival Andrade Junior (Junior, 2008, p.90) são:

[...] o ex-voto pintado, bem como os demais tipos de ofertas votivas constituem significativa expressão da crença e da cultura de uma população que abrange diversas categorias econômicas e sociais, sobretudo os grupos mais humildes. O ex- voto é manifestação de uma religiosidade, neste caso de um catolicismo popular, pois afirma uma relação direta entre o crente e a divindade<sup>xix</sup>.

Percebe-se que os devotos não deixaram de acreditar nos santos oficiais, eles apenas se identificam com a proximidade de alguém, que em vida esteve presente na comunidade a qual pertencem ou foram parceiros do dia a dia em favor das minorias e resolveu os problemas com certo imediatismo. Essa devoção aos milagreiros de cemitério não necessita da aprovação da igreja ou da congregação a qual, Irmã Benigna fez parte. Andrade Junior (Junior, 2008a) diz que “[...] afetividade é, no campo da religiosidade popular que este termo ganha força, já que a intimidade estabelecida entre o devoto e seu santo preferido acaba por se tornar um afeto concreto e sentido”.<sup>xx</sup>

Os devotos se multiplicam, através de depoimentos de outros fiéis que tiveram suas preces atendidas por ela e, ao conseguirem, depositam seus ex-votos como forma de agradecimento à graça concebida e perpetuação do milagre, “[...] quando os devotos deixam suas oferendas, estão ao mesmo tempo, fazendo com que naquele lugar se configure um espaço diferente dos demais do cemitério”.<sup>xxi</sup>

Este tipo de devoção marginal sai das instituições católicas e sacraliza outro espaço, no caso da irmã Benigna o cemitério, como afirma Pereira (Pereira, 2005b):

[...] o catolicismo que concentra a “devoção marginal”, que sai do território e do espaço sagrado previamente estabelecido, conhecido e reconhecido da sociedade, que são as igrejas, capelas santuários ou templos consagrados, para ocupar as fronteiras do profano e dos locais incomuns, como os cemitérios, os espaços as margens das rodovias ou outros.<sup>xxii</sup>

#### **4. Considerações finais**

O espaço cemiterial é um lugar de culto aos mortos. Local de devoção em suas diversas manifestações. Este dado pode ser observado quando se analisa as manifestações populares que se registram nestes lugares. Os devotos de Irmã Benigna cultuam o túmulo no qual está sepultada. Este guarda o corpo da milagreira, razão especial da devoção e motivo pelo qual a Congregação das Auxiliares de Nossa Senhora da Piedade da qual Irmã Benigna fez parte, não sepulta nenhuma outra religiosa naquele túmulo.

Com o passar do tempo os devotos de Irmã Benigna diferenciavam seu túmulo dos demais da congregação a qual não teve alternativa a não ser ceder aos pedidos dos fiéis, que logo reformaram o túmulo e colocaram sobre ele, uma imagem da Virgem em pedra, com acabamento em granito rosado escuro e construíram também um velário. Junior (Junior, 2011, p.258) afirma que “[...] a materialidade do túmulo de seu entorno se completam com a imaterialidade demonstrada pelos devotos em suas orações, novenas, missas e em muitos casos procissões em louvor ao seu milagreiro de cemitério mais próximo e eficiente”.<sup>xxiii</sup>

O ponto máximo da fé dos devotos é expresso no dia de finados, onde as almas dos mortos pela crença tradicional estão presentes no cemitério, por isto o dia é de comemoração e recordação. A peregrinação ao túmulo de Irmã Benigna enche o cemitério e a quadra a qual está sepultada. Maria das Graças Ferreira de Araújo (Araújo,2009,p.76) comenta: “[...] dessa forma, prevalece a pratica da oração ou prece diante da sepultura indicando que, pela consciência do povo, tudo que diz respeito aos mortos é coisa espiritual, revestida de sacralidade, daí a necessidade de ritualização”.<sup>xxiv</sup>

Verifica-se que a devoção à Irmã Benigna passou a existir desde sua entrega à caridade, junto às comunidades a qual atendia. Após sua morte em 1981, continuou ganhando novos devotos que passaram a sacralizar seu túmulo, levando ex-votos, flores e



velas no cemitério do Bonfim. Toda segunda-feira, independente das condições climáticas, os devotos vão ao túmulo agradecer as graças alcançadas e pedir outras.

Uma missa é celebrada, com a presença de um pároco de uma igreja próxima, o que reforça o conhecimento da Igreja Católica a esta prática de devoção marginal.

Existe uma associação criada pelos devotos de Irmã Benigna a Associação dos Amigos de Irmã Benigna (AMAIBEN), cuja organizadora é Maria do Carmo Mariano, amiga de Irmã benigna, por mais de vinte anos e que após sua morte fundou a organização não só para ampliar a devoção à milagreira, mas continuar com a arrecadação de donativos para as obras assistenciais deixadas por ela.

Na atualidade a preocupação da AMAIBEN é quanto ao processo de canonização de Irmã Benigna. Os devotos estão empenhados para torná-la oficialmente santa e após a missa que é celebrada em seu túmulo nas segundas feiras, os devotos vendem artigos como bolsas com a imagem de Irmã Benigna, relíquias, livros para desta forma custearem o processo de canonização junto ao Vaticano.

Justamente por ser uma religiosa, a vida de irmã Benigna não foi extraordinária como os fiéis relatam. Para a Igreja Católica as penitencias e as provações são comuns à vida de seus religiosos, a caridade é um dos princípios das ordens a qual Irmã Benigna pertenceu, portanto sua vida não se diferenciava em nada das demais religiosas, pelo contrário, Irmã Benigna era desobediente com as normas da congregação a que pertencia,desrespeitando os horários e as tarefas que lhe eram impostas, os castigos eram lhe dados justamente por seu comportamento indisciplinado junto à congregação.

As pessoas que conviveram com Irmã Benigna se comoveram com os castigos impostos a ela, por seu mau comportamento. Com seu poder de persuasão junto a comunidade, com a finalidade de recolher donativos para as diversas obras assistenciais a qual dava suporte, sua fama de “Santa da Fartura” repercutia em todos os lugares que passava, ganhou novos devotos, e com isto a fama de milagreira se espalhou.

Conclui-se que a devoção a Irmã Benigna continua sendo marginal, apesar de esforços dos devotos junto a Igreja Católica, para torná-la oficial. Com a repercussão de seus milagres junto aos fiéis, a Igreja Católica e a Congregação das Irmãs Auxiliares de Nossa Senhora da Piedade não tiveram forças para intervir junto a esta devoção marginal que se perpetuou no túmulo de Irmã Benigna.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Marcelina das Graças de. *Morte, Cultura, Memória - Múltiplas Interseções: Uma interpretação acerca dos cemitérios oitocentistas situados nas cidades de Porto e Belo Horizonte*. Tese (Doutorado em História). UFMG, Minas Gerais, 2007.

ARAÚJO, Maria das Graças Ferreira de. *Pequenas romarias para pequenos santos, um estudo sociográfico sobre o Dia de Finados*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião), PUC-Minas, Belo Horizonte, 2009.

ÁRIES, Philippe. *Sobre a história da morte no Ocidente Desde a Idade Média*. Lisboa Editorial teorema, 1989.

BARRETO Abílio. *Belo Horizonte histórica e descritiva-história antiga a história média*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de estudos Históricos e Culturais, 1995.

CYMBALISTA, Renato. *Cidade dos Vivos: arquitetura e atitudes perante a morte nos cemitérios do Estado de São Paulo*. São Paulo: Annablume, FAPESP, 2002.

JUNIOR, Lourival Andrade. Cemitérios e túmulos: espaços de devoção. In: *Anais do XII Encontro Ibero americano de Valoración y Gestión de Cemitérios Patrimoniales - V Encontro Nacional da ABEC*. Goiânia: FAV/UFG; FUNAPE, 2011. p. 253 -258.

JUNIOR, Lourival Andrade. *Da Barraca ao Túmulo: Cigana Sebinca Christo e as construções de uma devoção*. Tese (Doutorado em História) UFPR, Curitiba, 2008.

MARIANO, Maria do Carmo de Souza Figueiredo. *As mais belas historias de Irmã Benigna*. 7ª Edição. Belo Horizonte, 2010.

MARIANO, Maria do Carmo de Souza Figueiredo. *Irmã Benigna Centenário de nascimento*. 2ª Edição. Belo Horizonte, 2010.

MARTINS, José de Souza. *A morte e os Mortos na Sociedade Brasileira*. São Paulo: Hucitec, 1983.

NUNES, Maria José Rosado. Freiras no Brasil. In: *História das mulheres no Brasil*. PRIORI, Mary Del (org.); BASSANEZI, Carla (coord. de textos) 9ª. ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto. P. 492.

PEREIRA, José Carlos. *Devoções Marginais: interfaces do imaginário religioso*. Porto Alegre: Zouk, 2005.

REIS, João José. *A Morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Companhia das letras, 1991.

Resumo Bibliográfico Irmã Benigna. *Irmã Benigna Notícias* - Informativo da AMEIBEN (Associação dos Amigos de Irmã Benigna), Belo Horizonte, ano 1, n. 5, p. 3, maio 2009.

SAINT-HILARE, Auguste de. *Segunda Viagem do Rio de Janeiro a Minas Ferais e São Paulo*. São Paulo: USP, 1974.

VOVELLE, Michael. *Ideologias e Mentalidade*. São Paulo: Brasiliense 2004.

---

<sup>i</sup> ALMEIDA, Marcelina das Graças. *Morte, Cultura, Memória - Múltiplas Interseções: Uma interpretação acerca dos cemitérios oitocentistas situados nas cidades de Porto e Belo Horizonte*. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal de Minas Gerais. 2007. p. 123-124

<sup>ii</sup> ALMEIDA, Marcelina das Graças. *Morte, Cultura, Memória - Múltiplas Interseções: Uma interpretação acerca dos cemitérios oitocentistas situados nas cidades de Porto e Belo Horizonte*. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal de Minas Gerais. 2007. p. 128

<sup>iii</sup> IDEM p. 122

<sup>iv</sup> Francisco de Paula Bicalho (São João Del Rei, MG 1847- Petrópolis, RJ,1919). Engenheiro Civil. Formou-se pela Escola Polytechnica do Rio de Janeiro em 1871. Em maio de 1895 assumiu a chefia da CCNC, substituindo o engenheiro Aarão Reis. Com a extinção da referida comissão (1898), transferiu-se para o Rio de Janeiro, sendo nomeado Diretor da Estrada de Ferro Leopoldina Railway Company Ltda. Dentre outros cargos públicos que exerceu foi Inspetor Geral das Obras Públicas da capital federal, dotando a cidade de grandes melhoramentos urbanos. Tendo se aposentado em 1911. Faleceu em 1919. Quando na chefia da CCNC, Francisco Bicalho esteve responsável basicamente pela execução das obras, tendo o período de sua administração se caracterizado pelo ritmo intenso das construções.

<sup>v</sup> BARRETO, Abílio. *Belo Horizonte histórica e descritiva-história antiga a história média*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de estudos Históricos e Culturais, 1995.

<sup>vi</sup> Idem.p.115.

<sup>vii</sup> Aarão Leal de Carvalho Reis (Belém, Província, do Grão- Pará, 1853- Rio de Janeiro, RJ, 1930). Engenheiro, professor e urbanista. Sua formação acadêmica foi realizada na Escola Central (posteriormente politécnica), do Rio de Janeiro, onde obteve os seguintes títulos: engenheiro geógrafo (1872),engenheiro civil(1874).Dedicou-se ao magistério ,atividade que sempre exerceu, mesmo quando no desempenho de cargos públicos na área federal ou estadual. Propagandista da Abolição e da República, durante o Governo Provisório (1889/1891) foi diretor-geral de obras civis da marinha e da Secretária de Viação e Obras Públicas. Entre os anos de 1893/1895, liderou, a convite do governo de Minas Gerais, a comissão técnica organizada inicialmente para seleção do local onde iria ser instalada a nova capital e, posteriormente, para a idealização e construção da cidade.

<sup>viii</sup> BARRETO, Abílio. *Belo Horizonte histórica e descritiva-história antiga a história média*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de estudos Históricos e Culturais, 1995.p.115

<sup>ix</sup> ALMEIDA, Marcelina das Graças. *Morte, Cultura, Memória - Múltiplas Interseções: Uma interpretação acerca dos cemitérios oitocentistas situados nas cidades de Porto e Belo Horizonte*. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal de Minas Gerais. 2007. p. 135

<sup>x</sup> BARRETO, Abílio. *Belo Horizonte histórica e descritiva-história antiga a história média*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de estudos Históricos e Culturais, 1995.p.115

<sup>xi</sup> Abílio Barreto. Nascido em Diamantina/MG (1883), transferiu-se para Belo Horizonte em 1895, tendo trabalhado na 9 Divisão da Comissão Construtora de Belo Horizonte e posteriormente redigido uma das primeiras publicações acerca da história de Belo Horizonte. Foi diretor do Museu Histórico da Cidade que hoje leva seu nome. Faleceu em Belo Horizonte/MG em 1962.

<sup>xii</sup> ALMEIDA, Marcelina das Graças. *Morte, Cultura, Memória - Múltiplas Interseções: Uma interpretação acerca dos cemitérios oitocentistas situados nas cidades de Porto e Belo Horizonte*. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal de Minas Gerais. 2007. p. 133

<sup>xiii</sup> PEREIRA, José Carlos. *Devoções Marginais: interfaces do imaginário religioso*. Porto Alegre, RS: Zouk, 2005. p.31

- 
- <sup>xiv</sup> SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Segunda Viagem do Rio de Janeiro a Minas Ferais e São Paulo*. São Paulo: USP, 1974. p.66
- <sup>xv</sup> NUNES, Maria José Rosado. Freiras no Brasil. In: *História das mulheres no Brasil*. PRIORI, Mary Del (org.);BASSANEZI, Carla (coord. de textos) 9º. ed. 2º reimpressão. São Paulo: Contexto, 2007. p. 491.
- <sup>xvi</sup> Idem p. 492.
- <sup>xvii</sup> MARIANO, Maria do Carmo de Souza Figueiredo. *As mais belas historias de Irmã Benigna*. 7º Edição P. 09. 2010.
- <sup>xviii</sup> MARIANO, Maria do Carmo de Souza Figueiredo. *As mais belas historias de Irmã Benigna*. 7º Edição 2010. p.10.
- <sup>xix</sup> JUNIOR, Lourival Andrade. *Da Barraca ao Túmulo: Cigana Sebinca Christo e as construções de uma devoção*. Tese (Doutorado em História). Curitiba. 2008.p. 90.
- <sup>xx</sup> JUNIOR, Lourival Andrade. *Da Barraca ao Túmulo: Cigana Sebinca Christo e as construções de uma devoção*. Tese (Doutorado em História). Curitiba. 2008.p. 97.
- <sup>xxi</sup> Junior. Lourival ANDRADE. Anais p 258.
- <sup>xxii</sup> PEREIRA, José Carlos. *Devoções Marginais: interfaces do imaginário religioso*. Porto Alegre, RS: Zouk, 2005. p.33
- <sup>xxiii</sup> JUNIOR, Lourival Andrade. *Cemitérios e túmulos: espaços de devoção*. In: Anais do XII Encuentro Ibero americano de Valoración y Gestión de Cemitérios Patrimoniales - V Encontro Nacional da ABEC. Goiânia: FAV/UFG; FUNAPE, 2011. p. 258.
- <sup>xxiv</sup> ARAUJO, Maria das Graças Ferreira de. *Pequenas romarias para pequenos santos: um estudo sociocrático do dia de finados*. Tese (Mestrado em Ciências da Religião). 2009. p 76